

Revista portuguesa para brasileiro ler ou poesia brasileira para português conhecer?

Leonardo Gandolfi

A *Inimigo Rumor*, há muito, é conhecida pela cuidadosa atenção que dá à poesia. Criada pela editora carioca *7letras*, a revista (nos já cinco anos de longevidade) vem se estabelecendo como grande meio de divulgação, promoção e debate de poesia no país. Diversos poetas já passaram pelas páginas da revista, dos nomes mais renomados aos mais novos, entre eles: Dora Ribeiro, Ferreira Gullar, Claudia Roquette-Pinto, Glauco Mattoso, Carlito Azevedo (também editor da revista), Haroldo de Campos, Júlio Castañon, Paulo Henriques Britto, para citar apenas alguns.

Desde seu início a revista conta ainda, além do espaço para a poesia brasileira, com várias de suas páginas dedicadas à poesia *sem fronteiras*. Seja através da tradução, crítica ou mesmo de entrevistas, *Inimigo Rumor* – referência a *Enemigo Rumor*, obra do cubano Lezama Lima – vem trabalhando para trazer aos seus leitores a mais diversificada seleção de nomes, dos mais consagrados e conhecidos como Baudelaire, Paul Valéry, Cummings, Hölderlin, até os mais contemporâneos e com menor trânsito entre nós como Jacques Roubaud e Michel Deguy, além de poetas latino-americanos até então distantes como Andi Nachon ou António Cisneros.

O que mais nos chama atenção, porém, é o recente caminho que a revista tomou a partir do número 11 (1º semestre 2002). O seu projeto cosmopolita de poesia parece ganhar novas perspectivas, a partir da sua transformação numa publicação luso-brasileira co-editada pela *7letras* e pelas editoras portuguesas *Cotovia* e *Angelus Novus*. Desde então, com o subtítulo de *Revista de poesia Brasil e Portugal*, *Inimigo Rumor* cresceu, ganhou nova diagramação

e mais fino acabamento. Mas a mudança não foi só de aparência. A revista trouxe para suas páginas alguns nomes portugueses como Herberto Helder, Adília Lopes, Vasco Graça Moura, António Franco Alexandre, Manuel Gusmão e Ana Luísa Amaral. Agora, já em seu terceiro número após as mudanças, a revista¹ parece ter tomado o gosto deste novo acento português. Além da capa, em que se reproduzem as cores da bandeira portuguesa (com o nome da revista preenchendo o lugar do brasão português), o número de páginas ocupadas por textos lusitanos totaliza uma soma superior às demais (115 das 204 da revista). *Inimigo Rumor* ganha, assim, novo fôlego e se transforma num prato cheio para os interessados pela poesia portuguesa de hoje. Esse número mostra-se – pelo menos é o que indicia – quase como uma *revista portuguesa de poesia* editada no Brasil. Boa notícia para os que sempre apostaram no projeto da Lusofonia.

Como primeiro convite à leitura, esse nº13 apresenta-nos, em homenagem ao centenário de vida de Drummond, um dossiê especial, numa reunião de artigos e depoimentos de críticos e poetas portugueses acerca da poesia do itabirano. Escrevemos ‘especial’, pois se coloca contra um obstáculo que o editorial da revista anuncia: “O problema dos poetas como Drummond – poetas representativos e ‘nacionais’ – reside nas formas pelos quais o cânone os naturaliza numa imagem, e numa História, (já) feitas”. E para enfrentar esse obstáculo, o mesmo editorial seguindo a já conhecida linha da revista (poema sem poeta) escreve:

(...) optamos por ler alguns poemas de Drummond, suspendendo, na medida do possível, e nem que apenas por breves momentos, o efeito de assinatura implicado no nome “Drummond” (...). O que daqui resulta é uma operação de (re)leitura que poderia funcionar – esse nosso ambicioso propósito – como uma homenagem *sem centenário*. (p.4)

Desses artigos, acompanhados sempre de um poema motivador, destaca-se a leitura feita por Abel Barros Baptista do conhecido soneto ‘Oficina irritada’, no qual se discute a disciplina poética em conflito com a subjetividade irônica do poeta. Interessante também é a abordagem de Osvaldo Manuel Silvestre (o editor português da revista) do provocante poema “A puta” pre-

¹ *Inimigo Rumor*, nº13, Rio de Janeiro / Lisboa: 7letras / Cotovia, 2º semestre 2002.

sente na ‘memorialística’ coletânea *Boitempo*. Há ainda uma leitura feita por Rosa Maria Martelo do poema-homenagem “Carlos Drummond de Andrade” escrito pelo poeta português (mas nascido no Brasil) Carlos de Oliveira, discutindo a influência da poesia do autor mineiro na obra desse poeta, um dos mais importantes nomes da poesia portuguesa do século XX.

Entre os depoimentos de poetas como Vasco Graça Moura, Eduardo Pitta e outros, Gastão Cruz distingue-se pelo belo texto sobre a recepção da poesia de Drummond na literatura portuguesa, ao contrário de Eugênio de Andrade, o qual parece improvisar um testemunho insípido ou, no máximo, – como escreve o próprio – “simpático”.

A participação portuguesa na revista não termina no dossiê. Há poemas de João Camilo, Fernando Guerreiro e Luís Quintais, com destaque para o segundo com o ótimo e serial “Teoria do Fantasma”: “(...) como/ se as palavras não fossem/ suficientes para preencher/ o vazio com que por detrás/ das metáforas nos olha o túmulo” (p.83). Há também o artigo de Pedro Schacht Pereira sobre a insistência do corpo na última poesia de Jorge de Sena e Herberto Helder e ainda o texto de Manuel Gusmão acerca da poesia de Luiza Neto Jorge.

No que diz respeito à poesia brasileira, presente com mais poetas, porém, com menos poemas cada (um ou dois), sobressaem Bráulio Tavares: “E logo o aldrabão vê-se encravado/ no duto mais defeso da potranca,/ cujas ancas, mazonas e alcatreiras,/ o fazem rabear aos corcoveios” (p.148) e Rodrigo Garcia Lopes: “O que ficou do tempo em que viver/ Era mais que só mudar de assunto/ Era rito, um estado de espírito?” (p.149).

A julgar pelo potencial de circulação da revista, mesmo que limitado (afinal falamos de poesia), nos dois países, ou seja, em dois mercados, nas duas culturas e vista a seleção de seus textos, *Inimigo Rumor* aparenta ter interesses distintos em Portugal e no Brasil. A publicação em terras lusitanas parece querer, em relação à produção brasileira, *apresentar poetas*, variedade de nomes, pluralidade de vozes. Já no Brasil, no que diz respeito aos portugueses, a revista apresenta-se, ou ao menos se quer principalmente como *divulgadora de poesia* – não de nomes, mas de poemas. Sutil diferença que não deixará de significar algo num diálogo que volta a ser reatado entre Brasil e Portugal no âmbito da produção poética. Que o leitor tire suas próprias conclusões.